

A MONITORAÇÃO NA LEITURA E NA PRODUÇÃO DE TEXTOS OPINATIVOS

José Miguel de Mattos
Universidade Braz Cubas

RESUMO: Neste artigo, identificaremos as marcas enunciativas presentes em dois editoriais e discutiremos como elas, a partir das condições de produção e das variáveis de limitação, constroem o modelo de situação a ser divulgado pelos jornais.

PALAVRAS-CHAVE: monitoramento; marcas enunciativas; editoriais;

ABSTRACT: In this article, we will identify the enunciation marks that appear in two editorials and we will discuss how they, from the conditions of production and the restriction variants, build the model of situation that will be public for the newspapers.

KEYWORDS: controlment; enunciation marks; editorials;

0. Introdução

Todo discurso, segundo Benveniste (1976) se situa no ponto de tensão entre dois pólos: a individualidade criativa do locutor/enunciador e o conjunto de variáveis que, externas a eles, limitam, condicionam ou afetam de diversos modos a enunciação: o código lingüístico, o interlocutor, o tempo, o espaço, a situação social, o conteúdo, crenças e valores culturais, o texto em processo, outros textos.

Neste contexto, encontramos os editoriais, textos de opinião, veiculados pelos jornais, que objetivam divulgar as idéias de um grupo ou de uma determinada instituição, de forma que seus leitores adquiram e tomem como verdade os modelos de situação construídos por eles sobre os fatos veiculados. Essa papel da imprensa como veículo não apenas de informação, mas de ação e influência sobre os leitores, não se dá em sua totalidade, uma vez que no ato de escrever existe a presença de um leitor tácito ou expectante que monitora a construção do texto escrito.

Sob a perspectiva da Teoria da Enunciação, privilegiando os estudos da Semântica da Enunciação de Ducrot (1987), este artigo objetiva identificar as marcas enunciativas presentes em dois editoriais: “Guerra na América” da Folha de São Paulo e “A dimensão monstruosa do terrorismo” do Estado de São Paulo, sobre o atentado terrorista aos Estados Unidos, ambos publicados em 12/09/2000. Além do mais, pretendemos discutir como as referidas marcas enunciativas, a partir das condições de produção e das variáveis de limitação, constroem o modelo de situação a ser divulgado pelos jornais.

1. Fundamentação teórica

O postulado básico da Teoria da Enunciação se concentra no fato de que ao descrever os enunciados produzidos pelos falantes de uma língua é preciso levar em conta, simultaneamente, a enunciação, ou seja, o evento único e jamais repetido de produção do enunciado. Isto porque as condições de produção são constitutivas do sentido do enunciado: a enunciação determinará a que título aquilo que se diz é dito.

Ao se propor estudar a subjetividade na língua, Benveniste impulsionou os estudos da Teoria da Enunciação. Para o lingüista, o conceito de enunciação tem um

caráter de subjetividade (o locutor apropria-se da língua) e de intersubjetividade (o locutor apropria-se da língua em relação a um outro que se constrói como sujeito).

Os estudos de Benveniste sobre a subjetividade da linguagem trouxeram para o campos dos estudos lingüísticos conseqüências enriquecedoras, abrindo inúmeras perspectivas, dentre as quais selecionamos para este trabalho a linha da Semântica da Enunciação elaborada por Ducrot (1987).

A Semântica da Enunciação ou Semântica Argumentativa leva em consideração a relação locutor-ouvinte e concebe a linguagem como ação, elegendo principalmente a argumentatividade como fundamental na língua. O estudo dos elementos constitutivos do texto busca no enunciado produzido marcas que evidenciam o processo de enunciação.

Assim, para procedermos à análise dos dois editoriais examinaremos, nesta etapa, os conceitos de argumentação e modalidades do discurso.

1.1. A argumentação

Na sua teoria da argumentação, Ducrot (1987) afirma que o uso da linguagem é, em sua essência, argumentativo e que toda língua possui, em sua Gramática, mecanismos, denominados marcas lingüísticas da enunciação ou da argumentação, permitindo indicar a orientação argumentativa dos enunciados; A par disso, assevera o lingüista que a argumentatividade está inscrita na própria língua.

Levando-se em conta as considerações acima, os dois editoriais, objetos de análise deste artigo, possuem uma seqüência predominante do tipo argumentativa em que o mecanismo argumentativo se instaura, principalmente, pela manifestação das modalidades.

1.2. As modalidades

Importantes na construção do sentido do discurso e na sinalização do modo como aquilo que se diz é dito, as modalidades são formas lingüísticas das quais o locutor se apropria para manifestar sua opinião, suas crenças, seu julgamento de valores etc.

Entre os principais tipos de modalidades estão aquelas lexicalizadas sob forma de expressão cristalizada do tipo “é + adjetivo” e certos advérbios ou locuções adverbiais: talvez, provavelmente, certamente, possivelmente etc); verbos auxiliares modais: saber, poder etc); construções de auxiliar+ infinitivo: ter de + infinitivo, precisar/necessitar infinitivo; dever + infinitivo etc); “orações modalizadoras” (tenho a certeza de que...; não há dúvida de que....; há possibilidade de; todos sabem que.... etc)

Koch (1992) apresenta também os indicadores atitudinais, índices de avaliação e de domínio ou estado psicológico com que o locutor se representa diante dos enunciados que produz. Para esta categoria de modalizadores, a autora elenca, entre outras, as seguintes marcas lingüísticas: infelizmente, é com prazer, pesarosamente, francamente, excelente, extremamente, politicamente, resumidamente etc.

2. Análise e discussão

No item fundamentação teórica, explicitamos nossa intenção de caracterizar algumas categorias que organizam a estrutura argumentativa do texto, para que nesta etapa possamos analisar, a partir do objetivo delineado na introdução, os dois editoriais selecionados

Num primeiro momento, ao confrontarmos os títulos dos editoriais, verificamos que eles sinalizam perspectivas diferentes na apreciação de um mesmo acontecimento. A Folha de São Paulo, doravante FSP, traz “Guerra na América” e o Estado de São Paulo, doravante ESP, “A dimensão monstruosa do terrorismo”.

Considerando que os referidos jornais destinam-se a leitores diferentes, isto é, os da FSP esperam textos críticos, sem amarras ideológicas, enquanto os do ESP, por serem mais tradicionais e por pertencerem a uma classe social privilegiada, desejam ler textos que revelem a ideologia dessa classe, podemos observar que a FSP apresenta o fato de forma objetiva, enquanto o ESP o trata de maneira subjetiva que pode ser verificado pela utilização da expressão “dimensão monstruosa”.

Pressupondo o perfil do seu leitor, a FSP não se intimida em apresentá-lo um modelo de situação de um país que, apesar de poderoso, é co-responsável pelo fato ocorrido, como podemos perceber a partir das marcas enunciativas que destacamos nos enunciados seguintes enunciados: *“Até então os Estados Unidos se julgavam território imune à ameaça terrorista. Os grupos extremistas preferiam atuar mais perto de suas bases, no Oriente Médio e na Europa. O colapso do comunismo e o fim da Guerra Fria, porém, fizeram dos Estados Unidos a única superpotência.”*

“Num mundo dominado por um único pólo de poder econômico e militar...”

“O comportamento político dos Estados Unidos, pouco sensível às distorções internacionais agravadas pela liberalização geral dos mercados e às reivindicações do países pobres...”

Ao continuar sua argumentação, a FSP traz à tona, sua posição em relação à figura maior do país, o presidente, e enfatiza seu despreparo como constatamos no seguinte enunciado: *“Teme-se que um governante como George W. Bush – tido por despreparado para posto e cuja ascensão ao poder foi maculada por vícios de origem eleitoral...”*

Por sua vez, o ESP constrói um modelo de situação para o leitor no qual a imagem dos Estados Unidos é poupada ao contrário daquela apresentada pela FSP. Para o ESP, os Estados Unidos deixam de ser algozes e passam a ser vítimas.

Considerando que seus leitores são pertencentes à classe social A, constituída por empresários e industriais ligados às multinacionais, o ESP isenta os Estados Unidos de toda e qualquer responsabilidade frente ao fato ocorrido.

Um ponto interessante a destacar é a retórica utilizada para a veiculação da informação como recurso de comunhão entre o locutor e o leitor. Pela utilização excessiva de adjetivos, este constrói a imagem do fato como aquele pretende encontrar quando da leitura do texto.

“De forma pavorosa, inimaginável, repetindo e ampliando os cenários mais aterrorizantes dos filmes de ficção científica e dos disaster movies hollywoodianos, os Estados Unidos sofreram ontem...”

Devemos evidenciar ainda nesta análise, as atenuações feitas pelo locutor em relação à reação do presidente o que difere radicalmente da posição trazida pela FSP.

“Como era de se esperar, a reação do presidente George W. Bush, num primeiro momento, foi de absoluta estupefação, como se estivesse até impossibilitado, emocionalmente, de articular qualquer pronunciamento- coisa perfeitamente compreensível.”

“Talvez não seja fácil os norte-americanos descobrirem, com precisão – entre seus inúmeros inimigos- os reais responsáveis...”

Assim, em todas as passagens do texto, mantém-se a isenção de responsabilidade dos Estados Unidos frente ao fato ocorrido. O que se ressalta, no último parágrafo, é a imagem dos Estados Unidos como *“uma poderosa potência mundial”*

Considerações Finais

A partir da análise dos dois editoriais, foi possível observar como a categoria modalidade é monitorada pelo locutor tendo em vista a existência de um leitor para o seu texto.

Apesar de os textos opinativos terem por objetivo a persuasão do outro, o locutor, a partir de recursos argumentativos, estabelece um pacto de cumplicidade com os leitores e veicula as informações da forma como eles desejam recebê-la.

Por fim, observa-se que a liberdade de criação de um texto pelo locutor, em determinados contextos, é limitada pelo conjunto de variáveis externas a ele, fazendo com que haja uma relação estreita com o leitor e o contexto de produção.

O reconhecimento das modalidades apresenta-se como valioso recurso na produção textual. Da mesma forma, esse reconhecimento contribui para a formação de um leitor mais eficiente, mais crítico, atento não apenas ao que é explicitamente dito, mas também àquilo que se diz a partir das marcas enunciativas presentes no texto.

ANEXOS:

ANEXO I: GUERRA NA AMÉRICA (Folha de São Paulo – 12/09/2001)

É cedo para avaliar a exata dimensão dos devastadores atentados de ontem nos Estados Unidos ou para antecipar a magnitude de uma possível retaliação norte-americana contra seus ainda desconhecidos autores, mas não há dúvida de que se trata de um evento histórico, cujas repercussões se farão sentir ao longo dos próximos anos.

Por enquanto, tudo são especulações, hipóteses mais ou menos críveis em torno de um episódio em si mesmo inacreditável. A única certeza é a de que este terá sido o maior atentado terrorista da história.

As desconfianças recaem sobre grupos extremistas islâmicos. É bastante verossímil que o arquite terrorista Osama bin Laden, milionário saudita que se beneficia de acobertamento por parte do atual governo do Afeganistão, esteja por trás de um ataque dessa envergadura. É um dos poucos com recursos e arrojo para tanto.

Mas vale recordar que, em 1995, quando ocorreu o atentado de Oklahoma City, árabes também freqüentaram a primeira linha de suspeitos. O autor do crime, contudo, era cidadão norte-americano, branco e condecorado na Guerra do Golfo.

Até então os Estados Unidos se julgavam território imune à ameaça terrorista. Os grupos extremistas preferiam atuar mais perto de suas bases, no Oriente Médio e na Europa. O colapso do comunismo e o fim da Guerra Fria, porém fizeram dos Estados Unidos a única superpotência. Converteram aquele país na imagem do “status quo” e, portanto, no responsável, real ou simbólico, por tudo o que há de errado no mundo.

A tragédia que vem ocupando as atenções do planeta desde a manhã de ontem coloca em termos dramáticos alguns dos problemas da ordem internacional caracterizada como “globalização”. Com o desaparecimento de alternativas conceituais ao modelo ocidental capitaneado pelos Estados Unidos, as manifestações de antagonismo tendem a assumir o aspecto irracional e desesperado que marcou a catástrofe de ontem.

Num mundo dominado por um único pólo de poder econômico e militar, o inconformismo fermentado pela miséria, pela exclusão e pelo fanatismo religioso tende a fragmentar-se em grupos aguerridos, mas politicamente irresponsáveis, que não se consideram comprometidos com nada além de seu próprio delírio apocalíptico.

O comportamento político dos Estados Unidos, pouco sensível às distorções internacionais agravadas pela liberalização geral dos mercados e às reivindicações dos países mais pobres, exhibe agora suas conseqüências não de todo imprevisíveis, embora ninguém esperasse impacto tão espetacular. É óbvio que os atentados colocam seus autores fora do âmbito de qualquer convívio civilizado e que eles devem pagar pela carnificina que sua ação produziu. Mas não se pode ignorar que os Estados Unidos não têm contribuído para reduzir o nível de tensão mundial.

É evidente que a ação lança o mundo num período de incertezas. Teme-se que um governante como George W. Bush – tido por despreparado para o posto e cuja ascensão ao poder foi maculada por vícios de origem eleitoral e se assenta sobre interesses de grandes corporações privadas – utilize o episódio para deflagrar uma igualmente irracional caça às bruxas, capaz de desviar atenções, mobilizar o sempre disponível chauvinismo norte-americano e galvanizar os apoios que lhe faltam.

Os atentados constituem uma declaração de guerras, mas não há exatamente um Estado inimigo contra o qual a Casa Branca possa desferir um contra-ataque. A ação criminosa tornou subitamente inócua a idéia, ressuscitada pelo governo Bush, de construir um escudo protetor contra armas nucleares formado por satélites. O suposto aspecto étnico do episódio tende ainda a fomentar atos de racismo por toda parte. Tudo indica que o mundo mudou – e para pior.

ANEXO II: A DIMENSÃO MONSTRUOSA DO TERRORISMO (O Estado de São Paulo – 12/09/2001)

De forma pavorosa, inimaginável, repetindo e ampliando os cenários mais aterrorizantes dos filmes de ficção científica e dos disaster movies hollywoodianos, os Estados Unidos sofreram ontem um ataque terrorista coordenado, cujo prejuízo em vidas humanas – afora danos materiais – ainda é incalculável, embora não se duvide que significará tragédia de proporções gigantescas, sem precedentes naquele país ou no mundo.

Demonstrando o propósito de permitir a captação direta, pelas câmeras de televisão, dos atos terroristas e suas dantescas conseqüências, para que o mundo inteiro pudesse parar, atônito, para assisti-los, seus mentores e executores lograram pleno êxito em sua estratégia de obter a mais colossal repercussão. Pouco depois das 9 horas da manhã, lançaram um avião seqüestrado da American Airlines, com 92 passageiros e tripulantes a bordo – certamente com piloto suicida – contra uma das torres do World Trade Center de Nova York, prédios onde trabalhavam cerca de 50 mil pessoas e eram freqüentados, diariamente, por multidão três vezes maior. Dezoito minutos depois – com tempo para ser filmado pela televisão “convocada” pelo primeiro atentado –, outro avião, da United Airlines, com 45 pessoas a bordo, nas mesmas condições foi lançado contra a outra torre do conjunto – vindo as duas a desmoronar por inteiro, em pouco tempo. Cerca de uma hora depois, um terceiro avião, da American Airlines, com 156 pessoas a bordo, foi lançado contra o prédio do Pentágono e, em seguida, um quarto avião, com 110 pessoas a bordo, caiu em Pittsburgh, certamente derrubado por desprezar o bloqueio total que as autoridades norte-americanas determinaram para o

tráfego aéreo em todo o país – fechando os aeroportos e desviando para o Canadá todos os vôos vindos do exterior.

Os alvos foram cuidadosamente escolhidos. Por suas dimensões, pelo destaque que assumiu no perfil arquitetônico de Manhattan desde que foi inaugurado, em 1976, por abrigar escritórios de muitas centenas de importantes empresas e repartições públicas, o World Trade Center era um dos forte símbolos visuais da principal cidade do país mais poderoso do mundo. E o conjunto de prédios do Pentágono representa, concreta e simbolicamente, a quintessência da força e da estratégia militar da maior potência do globo terrestre em todos os tempos.

Pela escolha dos alvos, a mensagem passada pelos terroristas é cristalina: nenhum país, nenhuma população e nenhum sistema de segurança – contenha ou não escudos de satélites, de mísseis ou o que se possa imaginar – está a salvo, no dias de hoje, de catastróficas ações do terrorismo internacional. É como se isso fosse um dos perversos efeitos de uma evolução tecnológica – e até de um processo de globalização – que, de outra forma, tem trazido tanto benefícios quanto problemas para toda a humanidade.

Como era de se esperar, a reação do presidente George W. Bush, num primeiro momento, foi de absoluta estupefação, como se estivesse até impossibilitado, emocionalmente, de articular qualquer pronunciamento – coisa perfeitamente compreensível. Mas, posteriormente, deixou claro que, descobertos os responsáveis, e, certamente, os que lhes dão sustentação, os Estados Unidos reagirão com revide proporcional ao golpe recebido.

Talvez não seja fácil os norte-americanos descobrirem, com precisão- entre seus inúmeros inimigos -, os reais responsáveis pelos assombrosos atos de ontem. Já houve desmentidos oficiais e comentadas autorias, tais como o esperado de Yasser Arafat e o não esperado do líder do Taleban, Wakil Ahme Mutawakei, chefe da milícia fundamentalista que ocupa 90% do território do Afeganistão e que está dando abrigo ao que pode ser considerado o maior terrorista mundial da atualidade – o milionário saudita Osama Bin Laden. Por outro lado, os atos suicidas de ontem (que fazem lembrar os dos pilotos camicases japoneses, da 2ª Guerra Mundial) representam agressão muito maior do que foi para os norte-americanos, a infâmia de Pearl Harbor. Significam, na verdade, uma agressão global e monstruosa a tudo o que indica organização social e política, instituições, diplomacia, convivência internacional e, sobretudo, Democracia, em um mundo que repudia fanatismos.

Sob esse aspecto, o pronunciamento do primeiro-ministro britânico, Tony Blair, já nos primeiros momentos da tragédia, pareceu tão magistral quanto as falas de seu velho antecessor na chefia do governo britânico, Sir Winston Churchill, ao concitar a grande reação das Democracias do mundo à força infernal que as pretendia destruir. Porque, na verdade, não foi apenas uma poderosa potência mundial a atingida. Atingido foi, com a maior selvageria, todo um sistema de valores – sejam de natureza política, econômica, social, ética, cultural e, principalmente, de civilizada convivência humana- que a Humanidade conseguiu edificar no Ocidente, e que tem de ser preservado, a todo o custo, para as futuras gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes Editores, 1989.
DUCROT, O. *O Dizer e o Dito*. Campinas: Pontes Editores, 1987.
KOCH, I.V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

